

# ECONOMIA/NEGÓCIOS

*acham economia <sup>Brasil</sup> em momento de*

## Empresários

São Paulo — Os principais líderes empresariais do país defenderam ontem o regime capitalista como o ideal para o país, lamentaram que a área econômica vive hoje "momentos brutais de incerteza" e admitiram que "ninguém escolhe a recessão por perversidade".

São de opinião, também, que o Governo conduz razoavelmente a política econômica, com a ressalva do presidente do Banco Itaú, Olavo Setúbal, de que, "a partir de 1980, a política financeira externa do país foi bem conduzida, mas a interna é ruim".

Esses líderes foram eleitos em votação direta por outros empresários, na promoção anual da *Gazeta Mercantil*, para a sua revista *Balanço Anual*, que divulgou ontem o resultado: Antônio Ermírio de Moraes, 17,2%; Luís Eulálio de Bueno Vidigal, 6,3%; Olavo Setúbal, 5,0%; Claudio Bardella, 4,8%; Abílio dos Santos Diniz, 3,7%; Laerte Setúbal Filho, 3,5%; Augusto Trajano de Azevedo Antunes, 3,1%; Mário Garnero, 2,7%; José Ermírio de Moraes Filho, 2,6%; e Jorge Gerdau Joahannpeter, 2,3%.

O empresário Antônio Ermírio de Moraes, pela quarta vez consecutiva o mais votado, disse no seu discurso que "o Brasil em 1983 necessitará de 19 bilhões a 20 bilhões de dólares para equilibrar o balanço de pagamentos. O Brasil precisa de trabalho. E o exemplo de trabalho tem que vir de cima. É preciso ter um paradigma. É preciso que o Governo dê exemplo".

— Se em 1970 tínhamos uma música de Berlioz, a *Sinfonia Fantástica*, ao final de 1980 tínhamos a *Sinfonia Inacabada*, de Franz Schubert; e parece que para 1990 teremos a *Dança do Fogo*, de Manoel de Falla. A culpa é só nossa. Não podemos culpar os banqueiros internacionais pela situação. Fui considerado um atrevido na década de 70 por criticar o Programa Nuclear e a Valesul. Hoje sabemos que o Conselho de Segurança Nacional está reprogramando o acordo nuclear; e que a Valesul importa óxido de alumínio, quando o Brasil é o maior produtor de bauxita do mundo.

Para o Sr Antônio Ermírio de Moraes, o Brasil é um país bom, que necessita de liderança. "Após as eleições teremos uma liderança melhorada."

Após o pronunciamento do Sr Ermírio de Moraes, foi aberto um debate, com o Sr Olavo Setúbal considerando que a abertura política foi importante, porque evitou um agravamento nas tensões sociais geradas pelas dificuldades econômicas.

Logo foi a vez do Sr Laerte Setúbal Filho, que defendeu a necessidade de as empresas brasileiras se atualizarem tecnologicamente para continuarem a competir no mercado internacional.

Para Olavo Setúbal, presidente do Banco Itaú, "é ilusão pensar em renegociar a dívida espontaneamente. Não há na história do mundo exemplo de um país que tenha ido espontaneamente à renegociação. Ele é de opinião que também não se pagará a dívida com as exportações.

— A renegociação da dívida não pode ser feita nos moldes antigos. É preciso que se criem mecanismos como financiamentos de longo prazo. Creio que a renegociação de dívidas é que provocará um confronto entre os países desenvolvidos e os em desenvolvimento. O Brasil tem a escolher alternativas várias: se não der para importar petróleo, que se racione. Se é isso que vai ser feito, eu não sei. É o Governo quem decidirá — explicou.

Para Abílio Diniz, diretor-superintendente do Grupo Pão de Açúcar, está havendo um clima emocional em relação à renegociação da dívida externa. "Isso é mau: renegociação ou ida ao Fundo Monetário Internacional não é opção nossa."

Antônio Ermírio de Moraes voltou à carga: "A maior crise do país é de falta de vergonha. É preciso reagir para se acabar com a falta de vergonha. Tenho saudades dos contadores. Depois que os economistas tomaram conta da praça, a situação se complicou. Eles não sabem administrar um botequim."

24/9/82 □ 1º caderno □ 15

## incerteza

São Paulo — José Carlos Brasil